

Os Braços da Lancha

por José Peixoto

cultura

VOZ DA PÓVOA 19 DEZEMBRO 2012 15

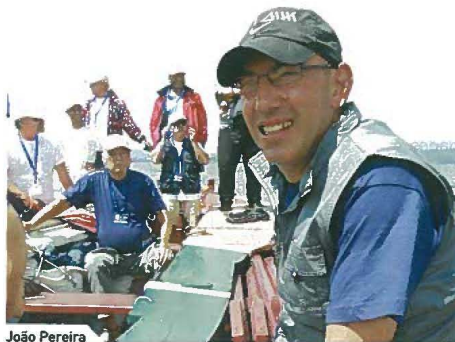
Os Braços da Lancha

José Peixoto

A Lancha Poveira do Alto que no seu navegar agarra em terra qualquer olhar, fez-se "Fé em Deus" e dos homens que, ao longo de 21 anos, foram capazes de a levar e trazer a bom porto. João Pereira é dos tripulantes mais recentes mas tem o mar no sangue: "tenho uma sigla poveira na família, que vem do meu avô, conhecido por Tio João Manezé. Ele chegou a ter três catraias a seu cargo: o Joaquim, o Varzim e o Minas Gerais, por ter estado emigrado no Brasil. O meu pai ainda pescou até aos 18 anos e também esteve emigrado em África. Na minha juventude fui algumas vezes ao mar com o meu pai, mas ele nunca quis que eu fosse pescador. Acabei por ir trabalhar para uma oficina de construção naval. Aprendi de tudo mas especializei-me em torneiro mecânico. Actualmente estou no negócio de revenda de peixe".

Nascido na Póvoa de Varzim, em 1970, João Pereira revela como se tornou tripulante: "foi o mestre Nia que me convenceu. A minha primeira vez foi numa saída ao mar com alunos de uma escola. Recordo-me também da viagem a Valbom. Fomos sempre à vela até ao cais de Afurada, onde almoçamos. Depois entramos pelo Rio Douro até Valbom. Para passar por baixo da ponte D. Luís tivemos que baixar o mastro".

Para João Pereira, Santiago de Compostela foi uma viagem que nenhum tripulante esquece. "Inauguramos o caminho marítimo para Santiago. Como tenho as minhas crenças senti-me feliz por o concretizar. A entrada no portinho de Lá Guardia, onde os antigos pescadores poveiros arribavam as lanchas com os temporais, foi para mim um reviver de memórias. Foram três



João Pereira

dias repletos de emoções, com bons e maus momentos. Apanhamos frio, calor, mar calmo e revolto, nevoeiro intenso e vento forte. Deu para rir, brincar e redobrar as atenções com a adrenalina a subir com as ondas e o vento que nunca mais nos largou até ao cais". E acrescenta: "foram tantas horas de mar que deu para perceber o que os nossos antepassados sofriam para ganhar o pão. Eram homens de barba rija, com grande espírito de sacrifício e entreaajuda. Era isso que eu queria sentir. Foi isso que encontrei na lancha poveira. Um passado vivo".

Quanto aos passeios facultados pela lancha a crianças, o tripulante alerta que é preciso ter sempre em conta o estado do mar: "há situações que são normais para a tripulação, como as inclinações da lancha, mas que podem assustar os miúdos. A sensação de que vai virar passa-lhes pela cabeça. Se o miúdo sentir medo pode ficar traumatizado e não volta mais, mesmo com o mar calmo. É importante que quem vem fazer um passeio na Fé em Deus, faça-o com o mar mais oferecido para ficar com uma boa memória da lan-

cha", conclui João Pereira.

Depois do defeso regressam as saídas ao mar. É chegado o tempo de verificar se os materiais aguentam ou é preciso fazer reparações. "É como se estivéssemos a preparar a lancha para a faina. Somos nós que temos que perceber quando é necessário substituir uma peça ou um cabo. Nada é eterno. Uma verga ou um mastro podem ter que ser substituídos por já não oferecerem a resistência necessária à força do vento. Se isso acontecer o mestre pede a sua substituição", explica o tripulante.

João Pereira nutre uma grande admiração pelo mestre Nia Preu, que um dia deixará o leme da lancha. "Quando isso acontecer, gostava que aparecesse alguém tão capaz como ele. Quem tem tradição na família só pode gostar de ver esta lancha a navegar por muitos anos". E recorda: "a gente do mar não sabe desistir. O meu avô tinha setenta e muitos anos e como não deixava a pesca, a família teve que lhe queimar as botas e toda a roupa que usava no mar. É o orgulho poveiro e a Fé em Deus que nos move".

Passagem de Ano no Casino

José Cid é a estrela principal que vem animar a passagem de ano do Casino da Póvoa. Meninos da Sacristia, Notas d' Ouro e Joana Andrade completam o elenco de artistas que vão animar os convivas. A administração do Casino promete um evento memorável que começa às 20,00 horas e estende-se até às 4,00 horas da madrugada. Para além de um opíparo jantar, vai haver uma ceia, à 1,30 horas, e muita e boa música para ouvir e dançar. O preço por pessoa é de 150,00 euros.

Suzana Costa Regressa a Casa



A conhecida "poveirinha de gema", Suzana Ribeiro da Costa, já tem anunciado o seu regresso a casa, na Rua 31 de Janeiro, 74 r/c, para o próximo dia 26 de Dezembro. Aos 91 anos de idade, uma das mulheres mais emblemáticas da nossa Póvoa foi operada ao colo do fêmur, no Hospital S. Pedro Pescador, e encontra-se presentemente em franca recuperação na We Care. Frontal e cheia de força, como sempre, privada do seu dia-a-dia há cerca de dois meses, Suzana Costa deixou a seguinte mensagem: "os meus amigos, que não me visitaram, serão sempre bem-vindos na minha casa". Da parte do nosso jornal, desejamos uma rápida recuperação à Suzana.

Nova Associação Comercial na Calha

A Póvoa de Varzim poderá contar com uma nova associação de comerciantes, agregando os empresários da Rua Tenente Valadim. Ressalvando que para já ainda é cedo para ir além da ideia, Fernando Campinho, sócio de uma agência de viagens na rua paralela à Junqueira, admitiu essa possibilidade no futuro. Assegura que não estão de costas voltadas para a Associação Comércio ao Ar Livre, apesar de reconhecer que não tem dinamizado a Tenente Valadim, como era suposto. O empresário elencou uma série de iniciativas que poderão ver a luz do dia, a começar por uma feira de artesanato no interior da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, em contraponto à feira medieval que a Câmara organiza na Praça do Almada.

A Lancha Poveira do Alto que no seu navegar agarra em terra qualquer olhar, fez-se "Fé em Deus" e dos homens que, ao longo de 21 anos, foram capazes de a levar e trazer a bom porto. João Pereira é dos tripulantes mais recentes mas tem o mar no sangue: "tenho uma sigla poveira na família, que vem do meu avô, conhecido por Tio João Manezé. Ele chegou a ter três catraias a seu cargo: o Joaquim, o Varzim e o Minas Gerais, por ter estado emigrado no Brasil. O meu pai pescou até aos 18 anos e também esteve emigrado em África. Na minha juventude fui algumas vezes ao mar com o meu pai, mas ele nunca quis que eu fosse pescador. Acabei por ir trabalhar para uma oficina de construção naval. Aprendi de tudo mas especializei-me em torneiro mecânico. Actualmente estou no negócio de revenda de peixe".

Nascido na Póvoa de Varzim em 1970, João Pereira revela como se tornou tripulante: "foi o Mestre Nia que me convenceu. A minha primeira vez foi numa saída ao mar com alunos de uma escola. Recordo-me também da viagem a Valbom. Fomos sempre à vela até ao cais de Afurada, onde almoçamos. Depois entramos pelo Rio Douro até Valbom. Para passar por baixo da ponte D. Luís tivemos de baixar o mastro".

A Voz da Póvoa (19 Dezembro 2012), p. 15.

URL -> | [PDF ->](#)